



---

**O QUE DIZEM AS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE SOCIABILIDADES E JOVENS NEGRAS (2016-2023)**

**SCIENTIFIC PRODUCTIONS SAY ABOUT SOCIABILITIES AND YOUNG BLACK WOMEN (2016-2023)**

**LO QUE DICEN LAS PRODUCCIONES CIENTÍFICAS SOBRE LA SOCIABILIDAD Y LOS JÓVENES NEGROS (2016-2023)**

**CE QUE DISENT LES PRODUCTIONS SCIENTIFIQUES SUR LA SOCIABILITÉ ET LES JEUNES NOIRES (2016-2023)**

**Thaís da Silva Mendonça**

Doutora em Educação na Amazônia, Universidade Federal do Pará,  
Pará, Brasil.

[smendonca.thais@gmail.com](mailto:smendonca.thais@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-4025-2125>

**Wilma de Nazaré Baía Coelho**

Doutora em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Chefe da Assessoria de Educação e Cultura e Direitos Humanos do Ministério dos Direitos Humanos, Distrito Federal, Brasil

[wilmacoelho@yahoo.com](mailto:wilmacoelho@yahoo.com)

<https://orcid.org/0000-0001-8679-809X>

*Recebido em: 08/01/2025*

*Aceito para publicação: 20/06/2025*

**Resumo**

O presente artigo traz o mapeamento das produções acadêmicas sobre sociabilidades e jovens negras no Brasil em nível de pós-graduação *stricto sensu*, realizadas no período de 2016 a 2023. O objetivo é identificar a distribuição temporal e regional, bem como os perfis de autoria, e acessar os temas recorrentes e emergentes encontrados. A partir do levantamento de dissertações de mestrado e teses de doutorado publicizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), alcançamos o corpus de 73 produções, sendo 44 dissertações e 29 teses. Os dados foram interpretados por meio das noções conceituais de tática e estratégia, de Michel de Certeau (2014), e socialização, de Peter Berger e Thomas Luckmann (2014), sendo tratados com base na análise de conteúdo de Laurence Bardin (2016) e lidos pela perspectiva sobre sociabilidades presente na literatura especializada de Coelho e Silva (2017, 2018, 2019). Como principais resultados, pudemos constatar que: houve uma predominância de autoria feminina; o eixo Sudeste-Sul apresentou o maior número de produções; o cenário político e pandêmico exerceu influência no quantitativo de dissertações e teses defendidas; e, por fim, houve centralidade temática recorrente das relações de sociabilidades existentes em espaços escolares, na internet e redes sociais, e sociabilidades e identidade étnico-racial.

**Palavras-chave:** sociabilidades juvenis, jovens negras, sociabilidades de jovens negras.

---

### Abstract

This article maps academic productions on sociability and young black women in Brazil at the stricto sensu postgraduate level, carried out from 2016 to 2023. The objective is to identify the temporal and regional distribution, as well as the authorship profiles, and to access the recurrent and emerging themes found. Based on the survey of master's dissertations and doctoral theses published in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), we reached the corpus of 73 productions, 44 dissertations and 29 theses. The data were interpreted through the conceptual notions of tactics and strategy, by Michel de Certeau (2014), and socialization, by Peter Berger and Thomas Luckmann (2014), being treated based on the content analysis of Laurence Bardin (2016) and read from the perspective on sociability present in the specialized literature of Coelho and Silva (2017, 2018, 2019). As main results, we were able to verify that: there was a predominance of female authorship; the Southeast-South axis presented the largest number of productions; the political and pandemic scenario influenced the number of dissertations and theses defended; and, finally, there was a recurring thematic centrality of the relations of sociability existing in school spaces, on the internet and social networks, and sociability and ethnic-racial identity.

**Keywords:** youth sociability, young black women, sociability of young black women.

### Resumen

Este artículo mapea producciones académicas sobre sociabilidad y jóvenes negras en Brasil a nivel de posgrado estricto sensu, realizadas entre 2016 y 2023. El objetivo es identificar la distribución temporal y regional, así como los perfiles de autoría, y acceder a los recurrentes y emergentes temas encontrados. Del relevamiento de disertaciones de maestría y tesis doctorales publicadas en la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones (BDTD), llegamos a un corpus de 73 producciones, 44 disertaciones y 29 tesis. Los datos fueron interpretados a través de las nociones conceptuales de táctica y estrategia, de Michel de Certeau (2014), y socialización, de Peter Berger y Thomas Luckmann (2014), siendo tratados con base en el análisis de contenido de Laurence Bardin (2016) y leídos desde la perspectiva sobre la sociabilidad presente en la literatura especializada de Coelho y Silva (2017, 2018, 2019). Como principales resultados pudimos verificar que: hubo predominio de autoras; el eje Sureste-Sur presentó el mayor número de producciones; el escenario político y de pandemia influyó en el número de disertaciones y tesis defendidas; y, finalmente, hubo una centralidad temática recurrente de las relaciones de sociabilidad existentes en los espacios escolares, en internet y las redes sociales, y la sociabilidad y la identidad étnico-racial.

**Palabras clave:** sociabilidad juvenil, mujeres jóvenes negras, sociabilidades de las jóvenes negras.

### Résumé

Cet article cartographie les productions académiques sur la sociabilité et les jeunes femmes noires au Brésil au niveau postuniversitaire stricto sensu, réalisées entre 2016 et 2023. L'objectif est d'identifier la répartition temporelle et régionale, ainsi que les profils d'auteurs, et d'accéder aux phénomènes récurrents et émergents. thèmes trouvés. À partir de l'enquête sur les mémoires de maîtrise et de doctorat publiés dans la Bibliothèque numérique brésilienne de thèses et mémoires (BDTD), nous avons atteint un corpus de 73 productions, 44 mémoires et 29 thèses. Les données ont été interprétées à travers les notions conceptuelles de tactique et de stratégie, par Michel de Certeau (2014), et de socialisation, par Peter Berger et Thomas Luckmann (2014), traitées à partir de l'analyse de contenu de Laurence Bardin (2016) et lues à partir de la perspective sur la sociabilité présente dans la littérature spécialisée de Coelho et Silva (2017, 2018, 2019). Comme principaux résultats, nous avons pu vérifier que : il y avait une prédominance des auteurs féminins ; l'axe Sud-Est-Sud a présenté le plus grand nombre de productions ; le scénario politique et pandémique a influencé le nombre de mémoires et de thèses soutenus ; et enfin, il y avait une centralité thématique récurrente des relations de sociabilité existant

---

dans les espaces scolaires, sur Internet et les réseaux sociaux, ainsi que de la sociabilité et de l'identité ethnico-raciale.

**Mots-clés:** sociabilité des jeunes, les jeunes femmes noires, sociabilités des jeunes femmes noires.

### **Primeiras palavras**

A construção de um levantamento relacionado a temáticas do universo juvenil nos coloca a tarefa de entendermos sua complexidade a partir de aspectos inerentes a esse campo de estudos que é a juventude. Sabe-se que existem diferentes maneiras de ser jovem e de vivenciar a juventude, por isso Juarez Dayrell (2007) pontua a existência de juventudes no plural, com distintos modos de vivenciá-las, as quais são atravessadas por complexas relações. Dentre elas, estão as sociabilidades, que criam e recriam a expressão das condições juvenis (Dayrell, 2007) em seus cotidianos, sendo desenhadas como resultados da partilha de aspectos inerentes à própria juventude no seu tempo, contexto social, familiar, cultural e educacional.

Ao abordamos as sociabilidades, é importante que se dê o devido destaque ao seu caráter social, afinal, elas são produtos das construções sociais do meio a que os participantes dessas relações pertencem (Coelho; Silva, 2018). São resultados que se constituem a partir do compartilhamento de modos de ser e estar no mundo de coletivos sociais, ligados ao espaço e ao tempo. Seu estudo possibilita a reflexão sobre o modo como as/os jovens se agrupam, estabelecem afinidades, relacionam-se e como exercem e sofrem influência mútua de seus pares e do grupo que está ao entorno (Coelho; Silva, 2019).

Desse modo, estabelecer um diálogo entre sociabilidades e jovens negras enquanto potencialidade de investigação permite a reflexão acerca dos modos de exercício dessas juventudes, dos processos de construção identitária e as táticas de resistência (Certeau, 2014) que estabelecem, mediante um cotidiano permeado por desigualdades sociais e raciais. Cotidiano esse que racializa sujeitos (Guimarães, 2016) e deslegitima a juventude negra como coletivo de sujeitos de direitos (Nakasone; Santos, 2021), em contraposição ao fomento e à existência do privilégio da branquitude (Bento, 2022; Schucman, 2014).

Em tal cotidiano<sup>1</sup> (Certeau, 2014), estruturalmente desigual, há o processo que Peter Berger e Thomas Luckmann (2014) denominam de socialização, no interior do qual se tem a internalização de valores, costumes e normas, as quais refletem no modo como as sociabilidades são construídas nos grupos sociais em que estão inseridas (Coelho; Silva, 2017). Por esse fator, “a sociabilidade, para os jovens, parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade” (Dayrell, 2007, p. 1111), sendo vistas enquanto táticas de resistência (Certeau, 2014) ao cotidiano social e racialmente desigual existente.

Diante desse contexto, a importância de acessar e mapear como a temática das sociabilidades vem sendo investigada nas pesquisas científicas se torna instrumento de conhecimento de uma parte essencial ao universo juvenil. A literatura especializada sobre juventude (Dayrell, 2007; Bassalo, 2012; Carrano, 2005) mostra-nos que o exercício dessa juventude está diretamente

---

<sup>1</sup> Aqui este é entendido enquanto vivências/ações diárias dos sujeitos, baseando-se na compreensão de Michel de Certeau (2014) sobre o cotidiano como a reunião de ações, “táticas”, que se configuram enquanto práticas cotidianas individuais de pessoas consumidoras de cultura, produtos, costumes e valores sociais.

vinculado às relações sociais que estabelecem em seus grupos, de modo que seja encorajada a leitura da realidade juvenil a partir da perspectiva interseccional<sup>2</sup> entre as relações cotidianas de gênero, raça e juventude, com destaque para a diversidade de experiências, desafios e potencialidades que o campo detém.

Em função disso, o presente texto apresenta o mapeamento das produções acadêmicas realizadas sobre sociabilidades e jovens negras no Brasil em nível de pós-graduação *stricto sensu*, no período de 2016 a 2023, especificamente objetivando identificar a distribuição temporal, regional, os perfis de autoria, e acessar os temas recorrentes e emergentes encontrados.

Os dados foram interpretados por meio das noções conceituais de tática e estratégia, de Michel de Certeau (2014), e socialização, de Peter Berger e Thomas Luckmann (2014), sendo tratados mediante auxílio da análise de conteúdo, de Laurence Bardin (2016), e lidos pelo viés da literatura especializada de Wilma Coelho e Carlos Silva (2017, 2018, 2019) sobre sociabilidades. Cabe ressaltar que as táticas são aqui entendidas como tentativas ordinárias de fissurar o cotidiano, permeado por estratégias das instituições de poder que visam manter o *status quo* da sociedade, tal como propõe Michel de Certeau (2014).

De antemão, destacamos que a busca se deu por sociabilidades segundo um escopo mais amplo, pelo fato de o refinamento por “sociabilidades e jovens negras” reduzir significativamente o *corpus*<sup>3</sup> a ser coletado, potencialmente impossibilitando a construção deste escrito.

### **Procedimentos metodológicos**

Os caminhos que conduziram à construção deste texto começaram a ser percorridos no ano de 2021, juntamente com os primeiros passos do curso de doutorado e da construção da tese de doutoramento. Especificamente, o levantamento foi realizado a partir do segundo semestre de 2021 até o primeiro semestre de 2024, do qual extraímos a empiria composta por 73 produções, sendo 44 dissertações de mestrado e 29 teses de doutorado, que versam sobre sociabilidades e/de<sup>4</sup> jovens negras no Brasil, defendidas no período de 2016 a 2023 e publicizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Para a realização do mapeamento e descrição das dissertações, selecionamos 8 descritores, sendo eles: *sociabilidades*; *sociabilidades e ensino médio*; *sociabilidades juvenis*; *adolescentes negras*; *jovens negras*; *estudantes negras*; *afrocientista*; *sociabilidades adolescentes negras*. Os filtros utilizados no refinamento foram: o marco temporal com o recorte dos anos de 2016 a 2023; a vinculação das pesquisas ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); e casos em que o descritor “sociabilidades” estivesse inscrito sob o filtro da área de conhecimento de “educação”, pois o quantitativo sem a filtragem seria muito numeroso, ao mesmo tempo em que resultaria no afastamento do tema centralmente investigado.

---

<sup>2</sup> Hirata (2014, p. 62) trata da “interdependência das relações de poder de raça, sexo e classe”.

<sup>3</sup> Pelo fato de a maioria desse *corpus* ser composta por pesquisadoras mulheres, iremos nos referir às pessoas deste escrito utilizando preferencialmente o gênero feminino.

<sup>4</sup> Por entendermos que nosso *corpus* de produções encontradas não versa somente sobre sociabilidade *de* jovens negras, como também sociabilidades *e* jovens negras como categorias isoladas, utilizamos essa dupla expressão para apontar o cerne da nossa investigação.

Sobre o recorte temporal, nós o escolhemos por quatro razões. A primeira decorre dos 10 anos de criação do Núcleo Gera<sup>5</sup> em 2016, ao qual este estudo se vincula e que se engaja em pesquisas sobre sociabilidades juvenis. A segunda parte do contexto político brasileiro, em que as constantes mudanças no poder executivo<sup>6</sup> do país refletiram diretamente no campo educacional, em especial na pós-graduação. Em seguida, trazemos a pandemia do novo coronavírus<sup>7</sup> que, em 2020, afetou o mundo inteiro e dizimou milhões de vidas, perdurando até maio de 2023<sup>8</sup>. Por último, selecionamos o ano de 2023 para finalizar o levantamento por entendermos a importância de publicizar dados o mais atuais possível até o momento da construção deste texto.

A construção do mapeamento sobre as dissertações e teses se deu em algumas etapas: a) seleção dos descritores; b) escolha das plataformas de buscas; c) busca das dissertações de mestrado; d) seleção das dimensões sobre as produções; e) sistematização dos dados coletados por meio da criação de um banco de dados; e f) apresentação e descrição das informações acerca das pesquisas encontradas.

Nessa direção, destacamos as dimensões levantadas: gênero de autoria, temporalidade, região que defenderam suas pesquisas, os programas de pós-graduação recorrentes, os cursos da formação inicial e principais temas das dissertações e teses.

O estudo acerca das produções científicas se faz relevante quanto à potencialidade de avançar no campo da produção do conhecimento que se tem sobre sociabilidades, em especial as juvenis, em decorrência de como possibilita que seja evidenciado o investimento de pesquisadores no país sobre a temática. Aqui colocamos a concepção de que este mapeamento se configura como um levantamento, pois é a “identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo” (Fernandes; Morosini, 2014, p. 155).

Assim, realizar “levantamentos do que se conhece sobre um determinado assunto a partir de pesquisas realizadas em uma determinada área” (Ens; Romanowski, 2006, p. 40) caminha rumo a uma “síntese integrativa do conhecimento sobre o tema” (André *et al.*, 1999, p. 301). Com isso, delinea-se a possibilidade de investigar os principais e mais recorrentes objetos de pesquisa, o período de maior incidência e, no sentido mais amplo, como o conhecimento vem sendo construído em determinada época por um dado grupo.

---

<sup>5</sup> Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais, grupo de pesquisa vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará que investiga, na maioria de suas pesquisas, questões acerca de raça, etnia, preconceito racial e relacionadas com o campo educacional, especialmente sobre a Formação de Professores. Mais informações acessar: <https://nucleogera.ufpa.br/>

<sup>6</sup> Aqui destacamos que a gestão federal, em um período de dois anos, teve um total de três mudanças de chefes de Estado, o que ocasionou um ambiente de incertezas em diversos âmbitos da vida dos brasileiros. Dilma Rousseff sofreu um impeachment em agosto de 2016, assumindo seu vice Michel Temer e, em janeiro de 2018, assumiu Jair Bolsonaro.

<sup>7</sup> A pandemia do coronavírus até agosto de 2021, infelizmente, retirou a vida de aproximadamente 580 mil brasileiros (Google LLC, 2024). Cenário que atingiu diretamente o campo da educação, em especial sobre os desafios e impactos na prática docente como discutem Andreia Barreto e Daniele Rocha (2020), bem como nova configuração dos processos de ensino e aprendizagem na transição do ensino presencial ao remoto como abordado por Sara Trindade, Joana Correia e Susana Henriques (2020).

<sup>8</sup> A pandemia foi oficialmente dada como finalizada em maio de 2023 pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (Brasil, 2024).



Em que pese tais levantamentos possuírem caráter bibliográfico e visarem mapear as produções acadêmicas (Ferreira, 2002) sobre certa temática em um período específico, torna-se viável por intermédio deste levantamento o movimento de conhecer como está desenhado o campo das sociabilidades no recorte temporal delimitado de 2016 a 2023.

Assim, ao optarmos pela utilização da análise de conteúdo enquanto instrumento de tratamento de dados, entendemos que nos auxilia na leitura dos dados coletados por se configurar como um conjunto de técnicas, como uma abordagem de avaliação e de interpretação de dados, apresentando-se como um “esforço de interpretação” (Bardin, 2016, p. 15). Ao seguir as três etapas (pré-análise, exploração do material e inferências<sup>9</sup>) previstas por Laurence Bardin (2016) construímos e apresentamos este texto como produto.

Parece-nos oportuno dizer que o acesso às produções sobre sociabilidades e jovens negras permite, como discorrem Wilma Coelho *et al.* (2022), que se conheça como elas se constroem e fazem parte das experiências formativas dentro do universo juvenil. Há algumas relações conceituais que perpassam por dimensões específicas, a exemplo de como as sociabilidades figuram aqui como categoria entendida e debatida em concordância com os estudos de Wilma Coelho, que há uma década investiga os laços sociais existentes entre jovens, refletindo sobre o modo como se agrupam por afinidades, relacionam-se, exercem e sofrem influência mútua (Coelho; Silva, 2019).

Por conseguinte, investigar como se constroem pesquisas sobre sociabilidades e jovens negras parte, do mesmo modo, de considerações sobre o processo de interação social tido em múltiplas realidades nas vivências diárias dos sujeitos. Daí que essas socialidades estejam inseridas em diversas realidades socialmente construídas e vistas enquanto *locus* de socialização no interior de instituições definidoras de condutas, como a família, a escola, os grupos sociais e outros que originam as relações de sociabilidades dos sujeitos (Berger; Luckmann, 2014).

### **Sobre as dissertações e teses**

Como já fora mencionado, no momento da busca das dissertações de mestrado e teses de doutorado, chegamos à empiria composta por 73 trabalhos. Desses, 55 são de autoria feminina e 18, de autoria masculina, indicando a predominância feminina com aproximadamente 75%, enquanto o percentual de trabalhos produzidos por homens corresponde a aproximadamente 25%.

Entendemos que tal quantitativo é reflexo do número de mulheres matriculadas em cursos de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. De acordo com o site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>10</sup>, no ano de 2022, elas configuravam 54,2% do total de 395.870 estudantes. Para além dessa relação, ao acessarmos as produções levantadas, percebemos que há a identificação pessoal das autoras com a temática e/ou com os sujeitos das pesquisas, no caso jovens negras, seja pela história de vida ou autodeclaração racial.

O quantitativo feminino nos demonstra que vivenciamos na construção de conhecimento científico certa quebra no tradicionalismo científico comumente composto por homens.

---

<sup>9</sup> Para Bardin (2016), as inferências são deduções lógicas feitas a partir de indicadores implícitos no texto, interpretações controladas, voltadas para conhecer o que a mensagem do texto implicitamente diz.

<sup>10</sup> O site informa, ainda, que, no ano de 2022, 58 % dos seus bolsistas eram mulheres (Brasil, 2022).

Caminhando contra a histórica invisibilização das mulheres no campo da produção do conhecimento, como forma de consolidar as relações de dominação e de poder nas instituições (Costa, 2006), ele nos permite inferir sobre uma possível resistência a esse processo de invisibilização da mulher na ciência, com a possibilidade de combate ao sexismo acadêmico e consequentemente o crescente aumento no número de mulheres tituladas mestras e doutoras no Brasil no período de 1996 a 2009 (Brasil, 2009)<sup>11</sup>.

No que tange à formação inicial<sup>12</sup> das/dos autoras/es, esta encontra-se dispersa em diversos cursos de graduação. São eles: Pedagogia (25), Ciências Sociais (8), Licenciatura em História (3), Psicologia (5), Licenciatura em Letras (7), Licenciatura em Educação Física (4), Serviço Social (2), Comunicação Social (2), Filosofia (2), Gestão da Informação (1), Marketing (1), Direito (1), Engenharia Elétrica (1), Ciências Biológicas - Engenharia Florestal (1), Relações Internacionais (1), Arquivista (1), Relações Públicas (1) e Ciências Econômicas (1). Porém, não encontramos a formação inicial de quatro autoras/autores.

A diversidade nos demonstra que a abrangência e interdisciplinariedade que constitui o campo dos estudos sobre sociabilidades e jovens negras não está restrita aos estudos desenvolvidos por profissionais da educação. Ao visualizarmos os cursos dos quais as/os autoras/es são oriundas, chama a atenção a heterogeneidade de formações iniciais, de modo que a temática das sociabilidades é percebida e discutida juntamente a distintos campos de conhecimento e diferentes perspectivas teóricas.

Mesmo que, como apontam Wilma Coelho *et al.* (2022), a formação inicial não garanta subsídios para o trato das relações de sociabilidades no exercício profissional (nesse caso no ambiente escolar), entendemos que a iniciativa pessoal em investigar a temática desponta como possibilidade de enfrentamento de questões relativas ao próprio universo juvenil.

O ano de 2016 contou com um total de 11 produções (7 dissertações e 4 teses). Já 2017 apresentou 13 trabalhos (7 dissertações e 5 teses). Em 2018, foram encontradas 14 pesquisas (8 dissertações e 6 teses). No ano de 2019, obtivemos o quantitativo de 11 investigações (8 dissertações e 3 teses). Em 2020, também coletamos 11 produções (6 dissertações e 4 teses). Já em 2021, esse número caiu para 4 pesquisas (3 dissertações e 1 tese). No ano de 2022, a quantidade de 4 trabalhos se manteve (1 dissertação e 3 teses). Por fim, em 2023, subiu para 5 produções (2 dissertações e 3 teses). Com isso, o total foi de 44 dissertações de mestrado e 29 teses de doutorado, compondo o *corpus de 73* pesquisas encontradas.

Em relação à temporalidade das dissertações, a distribuição das produções não apresenta linearidade cronológica. Inicialmente, houve um aumento nos anos de 2016 a 2018, que atingiu seu ápice com 14 produções. Entre os anos de 2019 e 2022, o fluxo passou a cair constantemente e teve aumento tímido em 2023. O período que compõe esse mapeamento foi atravessado por instabilidades políticas, de modo que acreditamos que o quantitativo de trabalhos sofreu influência do próprio contexto social e político do período.

<sup>11</sup> Os metadados sobre o quantitativo de discentes do sexo feminino e masculino podem ser acessados no site do governo federal, na página do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (Brasil, 2009).

<sup>12</sup> As informações relativas à formação dos(as) autores(as) das pesquisas foram coletadas na plataforma *Lattes* (Brasil, 2024).

Destacamos isso, inicialmente, pelo fato de que, a partir do ano de 2019, foram postos cortes orçamentários de contingenciamento aos cursos de pós-graduação, processo em que “nos campos da educação, da ciência e da tecnologia, veem-se o esvaziamento orçamentário e os riscos de desmonte de todos os sistemas” (Ximenes *et al.*, 2019, p. 1). Tomemos como exemplo a aprovação da Emenda Constitucional nº 95/2016<sup>13</sup>, que congelou por 20 (vinte) anos o orçamento de recursos públicos, inclusive da educação, reduzindo o número de bolsas de mestrado e de doutorado em 5% nos anos de 2019 e 2020.

Nessa direção, entendemos que a duração de um curso de mestrado (2 anos) exerce influência sobre os dados, visto que tais produções defendidas antes dos cortes orçamentários apresentavam maior quantitativo. Tal constatação se apresenta como reflexo dos dados oriundos do relatório do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG<sup>14</sup>), os quais apontam que 75% dos títulos obtidos no Brasil são de mestrado acadêmico ou profissional (Brasil, 2021). No que tange aos cortes orçamentários sobre os cursos de doutorado, percebemos que não apresentaram como consequências oscilações significativas na quantidade de teses defendidas ao longo do período selecionado.

Aliado a esse fator, o cenário pandêmico, iniciado no ano de 2020, impôs aos discentes a vivência de um curso de pós-graduação com uma nova estrutura e fora dos padrões conhecidos. Os metadados divulgados pelo SNPG da CAPES mostraram que, apesar de o número de matrículas ter subido para cursos de doutorado em 2020, o número de titulados doutores e mestres teve redução, tal qual aparece nos quantitativos aqui coletados como reflexo dessa realidade.

Os impactos da pandemia do *coronavírus* aprofundaram os desafios da pós-graduação para discentes e docentes (Ribeiro, 2021). Desse modo, é com o apoio dessa perspectiva reflexiva que pressupomos a influência de eventos emergentes, que extrapolam a esfera individual para a realização de um curso de mestrado e/ou doutorado, na distribuição temporal das pesquisas que encontramos.

A crise sanitária global resultou na modificação de prazos de defesas, prorrogações de bolsas, utilização do modelo remoto/híbrido graças ao não acesso a espaços físicos das universidades, impactando na formação dessas/es mestras/es e doutoras/es (Brasil, 2021). Assim, refletir sobre a temporalidade dos trabalhos mapeados vai ao encontro dos dados postos nos arquivos oficiais sobre a pós-graduação e sobre o contexto social/político vivenciado. Tem-se aí um movimento natural, haja vista que eventos históricos e sociais balizam a o fluxo temporal das produções acadêmicas defendidas nesse período.

Na sistematização e tabulação dos dados relativos às produções oriundas de formações *stricto-sensu*, constatamos que há trabalhos desenvolvidos em todas as regiões do país. Entretanto, na distribuição regional, há assimetrias evidenciadas de forma discrepante no que concerne ao

---

<sup>13</sup> Emenda Constitucional que instituiu novo regime fiscal para recursos financeiros federais no governo de Michel Temer (2016-2018) (Brasil, 2016).

<sup>14</sup> O relatório sobre a evolução do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG), no decênio do Plano Nacional de Pós-Graduação (PNOG) de 2011 a 2020, é um documento de extrema relevância para entendermos os resultados dos planos estabelecidos para a pós-graduação brasileira, bem como a análise dos seus resultados (Brasil, 2021).



quantitativo existente entre as regiões. A região com mais produções é a Sudeste (27 pesquisas), seguida pela região Nordeste (21 produções) e pela região Sul (14 trabalhos), com aproximadamente 35%, 28% 19% do total, respectivamente. Depois delas, temos a região Centro-Oeste (9 pesquisas) e em último lugar, a região Norte (2 produções levantadas), equivalentes a aproximadamente 12% e 2,5% do total, respectivamente.

Como se percebe, a região Norte se constitui, no escopo desse levantamento, como a região que menos apresentou produções. Tanto a dissertação quanto a tese coletadas são oriundas do estado do Pará, especificamente, da Universidade Federal do Pará (UFPA). Concluímos que, apesar da tímida expressividade, tais trabalhos apresentam pioneirismo no enfrentamento da temática, conformando-se como tática de resistência (Certeau, 2014) a uma tradição que centraliza o debate sobre sociabilidades em outras regiões do país. Dizemos isso em decorrência de a região ser estrategicamente (Certeau, 2014) tomada por relações desiguais, que historicamente nos colocam em posição secundarizada em detrimento das demais em diversos aspectos.

Há a predominância de produções oriundas de instituições públicas em todas as regiões. Reafirmamos que tal realidade é consequência de dois fatores: o primeiro se configura por como o maior percentual de pesquisa científica e acadêmica é constituído em instituições públicas de ensino<sup>15</sup>; sobre o segundo, tem-se o fato de o número de instituições privadas ser consideravelmente menor do que o de instituições públicas, como coloca o relatório do SNPG (Brasil, 2021).

Damos o devido destaque ao fato de a temática das sociabilidades e jovens negras ser um recorte do campo das relações étnico-raciais. Esse campo tem sua maior concentração nas universidades do eixo Sul-Sudeste, como apontam Coelho e Oliveira Júnior<sup>16</sup> (2020), refletindo no quantitativo por regiões que investigam a temática das sociabilidades, o qual segue fluxo numérico semelhante.

Dessa maneira, destacamos que as assimetrias regionais não devem ser pensadas de modo isolado, levando em conta somente a intenção da/o pesquisadora/o e/ou a existência de possibilidades de pesquisas, mas também as diferenças entre as regiões, os estados (inter-regionais), as instituições, as políticas de financiamento de bolsas e pesquisas, o número de programas e as condições sociais. Sabemos que a possibilidade de ingressar na pós-graduação não é a realidade de mais fácil acesso para a maioria da população brasileira; entretanto, a própria existência da pós-graduação se configura como uma tática de resistência e de subversão do cotidiano (Certeau, 2014). Isso se dá num cenário no qual, apesar das assimetrias regionais, a “existência das bolsas de mestrado e doutorado permite um amplo processo de inclusão e mobilidade social” (Brasil, 2021, p. 81).

---

<sup>15</sup> No ano de 2019, a *Clarivate Analytics Company*, responsável pela *Web of Science Group*, preparou para a CAPES uma análise sobre as pesquisas brasileiras no período de 2013 a 2018, intitulada “A pesquisa no Brasil: promovendo a excelência”. No relatório, destacaram, dentre outros resultados, a importância das instituições públicas de ensino, que compõem quase a totalidade das publicações e/ou citações sobre pesquisas realizadas no país e consequentemente o avanço para a 13ª posição mundial no *ranking* de publicações na *Web of Science* (Web of Science, 2019).

<sup>16</sup> Os autores realizaram o estado da arte com artigos, dissertações e teses no período de 2014 a 2018.

No que tange às áreas do conhecimento, percebe-se que a temática cruza alguns programas de pós-graduação, tais como: Educação, Ciências Sociais, Serviço Social, Comunicação, Sociologia, Linguística, Educação Sexual e Extensão Rural. Pudemos constatar que existe maior concentração de trabalhos nos programas de Educação, com os dados apontando que eles configuram 87,5%, seguidos pelas Ciências Sociais, com cerca de 7,5%, pelo Serviço Social e Comunicação, com 5% em média cada; já os demais não possuem porcentagens significativas. Salienta-se que a utilização de diferentes descritores contribui para que surjam trabalhos pertencentes a distintos programas e áreas do conhecimento.

A existência dessa diversidade de programas que abrangem a produção acadêmica sobre sociabilidades demonstra que, para compreender a complexidade das relações de sociabilidades juvenis (Dayrell, 2007), não se pode centrar em apenas uma área de conhecimento. Demonstra-se assim que, para a construção do atual campo das relações de sociabilidades, é necessário investigar as diferentes vertentes do que compõe essas relações.

### **Sobre o que tratam as pesquisas**

No decorrer da busca pelas dissertações de mestrado e teses de doutorado, ficou evidente, dentre alguns achados, que há polissemia na abordagem da temática das sociabilidades de jovens negras. Foram encontrados diversos termos nas produções, dos quais têm maior incidência: “sociabilidades juvenis”, “sociabilidades adolescentes”, “sociabilidades de jovens” e “sociabilidades de estudantes”, entre outros, que se coadunam para a construção de um campo de múltiplas possibilidades. Assinalamos que algumas produções foram encontradas em mais de um descritor, o que culminou em determinadas reduções no número de pesquisas levantadas.

Há pesquisas que abordam as sociabilidades como parte integrante dos resultados, como aporte teórico, como contextualizações e/ou de inferências realizadas pelas/os autoras/es. Assim, a construção deste mapeamento se deu em um percurso não linear, cuja consideração primeira é a percepção de que o campo das produções sobre sociabilidades e jovens negras é dinâmico e potente.

No momento da busca pelas produções na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), ao levantarmos as 44 dissertações de mestrado e 29 teses de doutorado, percebemos que três descritores despontaram no quantitativo de pesquisas encontradas, sendo eles: “sociabilidades”, “sociabilidades e ensino médio” e “adolescentes negras”. No tocante ao descritor “sociabilidades”, enxergamos dois fluxos de produção, dos quais o primeiro utiliza o termo como conceito ou categoria analítica para realizar a leitura do objeto, e o segundo aciona o termo como cerne do objeto investigado.

Houve 25 pesquisas que utilizam sociabilidades como conceito ou categoria analítica, sendo item estruturante da investigação. Ao levantar tais produções que utilizam sociabilidades como aporte teórico estruturante para sua construção, o movimento que percebemos segue dois fluxos. O primeiro recai sobre a diversidade de categorias com as quais dialogam as sociabilidades, das quais retiramos os temas recorrentemente encontrados, são elas: *intelectuais* (11), *formação docente e/ou de professores* (3); e *experiências juvenis* (4). Já o segundo recai na emergência de categorias como *ensino médio integrado* (1), *empreendedorismo*, *avaliação* (1), *ensino e*

---

*aprendizagem (1), tecnologia (1), instituições de ensino (1), educação no campo (1) e conceito teórico (1), que trazem novas possibilidades investigativas.*

Nesse sentido, a utilização de autores como Jean François Sirinelli e Georg Simmel para falar de redes de sociabilidades e sociabilidades, respectivamente, baliza certa tendência nas pesquisas mapeadas. Tendo em conta que o uso de Jean François Sirinelli é amplamente acionado em investigações no campo da história da educação que versam sobre a história de intelectuais, da história da educação e do diálogo entre ambas, como mostra Claudia Alves (2019). A opção por Georg Simmel para falar de sociabilidades se volta a uma perspectiva sociológica que permite a abordagem crítica das interações sociais, de acordo com Rousiley Maia (2001).

Dessa forma, os trabalhos que tinham sociabilidades como objeto específico das autoras são 5 pesquisas. Os objetos se referem a: sociabilidades como mediação cultural (1); sociabilidades de jovens bolivianos (1); sociabilidades e políticas públicas (1); sociabilidades e tecnologias digitais (1); e sociabilidades para George Simmel (1).

Nesse fluxo, o descritor “sociabilidades e ensino médio” levantou 18 produções. Nota-se que há grande relação entre sociabilidades, ensino médio e *redes sociais, celulares, jogos e tecnologias (9)*, bem como os *sentidos atribuídos à escola (5)*. A vinculação dessas categorias são processos investigativos recorrentes quando a centralidade recai nas sociabilidades. Para além disso, temos as categorias de *gênero/sexualidade (1)*, *currículo (1)* e *deficiência e ensino médio (2)* como categorias que emergem e galgam espaços na composição de novas investigações.

Apontamos isso a partir da perspectiva de Coelho, Brito e Silva (2022, p. 9), para quem a *internet* possibilita diversão, estabelecimento de novos laços e a construção de “mundo à parte, tanto da escola, quanto da família”. Logo, a relação entre sociabilidades e estudantes do ensino médio perpassa pelo entendimento de uma nova dinâmica que permeia as relações sociais juvenis: a *internet* e as redes sociais. São novas formas de expressar suas condições juvenis, bem como de outras construções das sociabilidades juvenis altamente conectadas às redes sociais (Oliveira, 2012).

Já com o descritor “sociabilidades adolescentes negras”, há uma dissertação de mestrado. O descritor “sociabilidades juvenis” deu conta de 3 produções. O descritor “adolescentes negras” apresentou 10 produções, enquanto “jovens negras” trouxe 6 pesquisas. Por último, a respeito do descritor “estudantes negras”, foram achadas 3 pesquisas.

O recorte racial nos mostra que há a recorrência de categorias centrais dos objetos que conversam entre si e que a literatura especializada os aciona para o entendimento do universo juvenil como *identidade (05)*, *periferia (03)*, *racismo (03)* e *escola (03)*. Outras como *redes sociais (01)*, *maternidade (01)*, *lei 10639/03 (02)*, *Educação de Jovens e Adultos (01)*, *gênero (01)*, *projetos de vida (01)*, *formação racial (01)*, *protagonismo juvenil (01)* corroboram para a compreensão dos trabalhos levantados.

Um dado comum em alguns dos descritores é a relação das sociabilidades com as tecnologias e redes sociais. A sua existência, seja virtual ou presencial, configura-se como novas formas da vida social sobre o modo como os sujeitos enxergam a si nos jogos sociais, de acordo com Francisco Santos e Cristina Cypriano (2014). Em face disso, o mapeamento sobre os estudos das sociabilidades juvenis supera a análise de sujeitos enquadrados em categorias biológicas

ou culturais<sup>17</sup> (Coelho; Silva, 2018) para o engendramento de seus laços sociais em diferentes espaços de socialização (Berger; Luckmann, 2014) dentro do cotidiano (Certeau, 2014).

As interações sociais existentes no interior da escola, a sexualidade juvenil, as relações raciais, preconceitos e discriminação, o cotidiano escolar e os sentidos e significados que a escola possui para os jovens são alguns dos direcionamentos que as pesquisas possuem. O diálogo entre sociabilidades e essas temáticas sinaliza a importância de construir investigações que atuem em diferentes frentes para o enfrentamento das estratégias (Certeau, 2014) sociais que delegam visão negativa as/aos jovens (Dayrell; Carrano, 2014, p. 106).

Isso materializa o que Wilma Coelho há 10 anos vem construindo teórica e empiricamente em investigações acerca das relações de sociabilidades no universo juvenil. Os seus estudos sobre sociabilidades nos permitem entender que os processos de socialização (Berger; Luckmann, 2014) de que as/os jovens participam são atravessados por interações virtuais e presenciais e demarcam as sociabilidades existentes (Coelho *et al.*, 2022) em seus grupos sociais.

Desse modo, o mapeamento das produções faz eco às reflexões de Coelho e Silva (2016; 2018; 2022). na direção de que as sociabilidades resultam de relações construídas socialmente e atreladas a um tempo e um espaço. De modo que sua ocorrência pode ser percebida em diversos espaços, bem como para o entendimento de que o próprio cotidiano (Certeau, 2014) engendra relações em seu interior, percebidas por meio dos agrupamentos formais – tidos pelas similitudes e diferenças – e organizados dos sujeitos, de modo que, no universo escolar, os jovens influenciam e são influenciados por essas sociabilidades (Coelho; Silva, 2018).

Há ainda a existência de táticas (Certeau, 2014) nas produções quando se tem um movimento feito pelos sujeitos pesquisados no interior de seus cotidianos (Certeau, 2014) nas redes sociais, na escola e nas periferias. Como exemplo disso, tem-se o despertar do sentimento de pertencimento, a criação de mecanismos de resistência e a subversão de práticas nocivas como racismo e exclusão a partir da demarcação de seus lugares nesses espaços (*internet*, escola, periferia). Isso se configura como tática de resistência no interior dos dados levantados.

Além disso, os indivíduos se socializam, sendo na socialização (Berger; Luckmann, 2014) que as sociabilidades são tidas como táticas (Certeau, 2014), que visam internalizar e contestar normas sociais previamente estabelecidas pelas/os jovens, como percebemos em algumas produções. São relações sociais dinâmicas que se movimentam em distintos objetos ao utilizar componentes de juventude e tecnologia, relações raciais na escola e aspectos interseccionais de gênero, raça, classe, juventude.

Dessa forma, sociabilidade aparece como mediação cultural, mediação tecnológica, componente curricular, organização de movimento estudantil, trajetórias de intelectuais e suas redes de sociabilidades. Também há a sociabilidade como expressão de comunicação e afetividade, sociabilidades virtuais, a escola como espaço de sociabilidades, sociabilidades no cotidiano escolar, sociabilidades e relações de gênero. No que tange às relações raciais, há forte tendência a relacionar vivências do racismo e identidades raciais à experiência escolar e a sociabilidades e periferia.

---

<sup>17</sup> Os autores utilizam o termo “adolescentes-juvenis” para tratar dos jovens estudantes da sua pesquisa.

Tais pesquisas que investigam as sociabilidades se manifestam em diferentes perspectivas e caminhos epistemológicos. Assim, constata-se que conhecer como se configura o campo das suas produções sobre relações se torna um empreendimento necessário, para entender como as pesquisas realizadas se configuram, distribuem-se na relação espaço-tempo e, além de tudo, o cuidado na construção de uma investigação científica, com atenção de não percorrer um caminho já feito por outro/a pesquisador/a.

### **Considerações finais**

A incursão à realização desse levantamento nos levou a perceber as distintas direções em que caminham os objetos investigados sobre as relações de sociabilidades de jovens negras. Destacamos que, em todos os tipos, encontramos objetos inseridos nessa temática, seja dissertações de mestrado seja teses de doutorado. Esse esforço possibilitou a percepção de que o campo das sociabilidades é parte constituinte da experiência juvenil, mas não se restringe a isso nem é tido exclusivamente como fenômeno da juventude.

As pesquisas acadêmicas brasileiras que investigam esse campo se manifestam em diferentes perspectivas e caminhos epistemológicos. Percebe-se que suas construções não são tidas de modo linear e que, nos últimos anos, apresentam presença reduzida. Assim, constata-se que conhecer como se configura o campo das produções sobre relações de sociabilidades e jovens negras se torna um empreendimento necessário.

A empiria nos convoca a enxergar a complexidade que os estudos sobre sociabilidades detêm, quer na demarcação e conceituação quer na delimitação de variados objetos de pesquisa. Houve aí recorrência de categorias como: a relação das sociabilidades com a internet e redes sociais; intelectuais do campo da história da educação, suas trajetórias e suas redes de sociabilidades; a relação da juventude com o ensino médio; juventude e periferia; sociabilidade e processos de escolarização.

O maior número de pesquisas encontradas se deu a partir dos 3 descritores (sociabilidades, sociabilidades e ensino médio e adolescentes negras), permitindo-nos apontar que a internet e as redes sociais impactam nas sociabilidades tanto virtuais quanto presenciais, como posto por Wilma Coelho *et al.* (2022). Percebemos certa predominância de pesquisas que investigaram sociabilidades a partir de uma perspectiva educacional, destacando os contextos escolares de modo interseccional em relação a questões de gênero, raça e juventude.

Portanto, o que se percebe é que existem divergências quanto ao estudo e investigação da temática nas regiões do Brasil. Após o mapeamento e descrição das categorias que norteiam a construção das dissertações, inferimos e confirmamos a existência de desigualdades regionais, de gênero e de período de produção na academia. Então, o caminho mais viável para desconstruir essa situação está na possibilidade de estímulo à pesquisa criteriosa, metodologicamente rigorosa, como forma de entender os laços sociais tidos no cotidiano (Certeau, 2014) que é repleto de potencialidades investigativas no engendramento de sociabilidades juvenis.

### **Referências**



---

ALVES, Claudia. Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 33, n. 67, p. 27-55, jan./abr. 2019.

ANDRÉ, Marli *et al.* Estado da arte da formação de professores no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 20, n. 68, p. 301-309, dez. 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRETO, Andreia Cristina Freitas; ROCHA, Daniele Santos. Covid 19 e educação: resistências, desafios e (im) possibilidades. **Revista encantar**, v. 2, p. 01-11, 2020.

BASSALO, Lucélia. **Entre sentidos e significados**: um estudo sobre visões de mundo e discussões de gênero de jovens internautas. 2012. 240f. Tese de 195 Doutorado (doutorado em educação) - Faculdade de Educação - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das letras, 2022.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. **Brasil**: Percentual de títulos de mestrado e doutorado concedidos por sexo, 1996-2009. Brasília, DF: MCTI, 2009. Disponível em: [https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/indicadores/paginas/recursos-humanos/indicadores-sobre-o-ensino-de-pos-graduacao/arquivos/tab\\_03\\_05\\_08\\_E\\_2009.pdf](https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/indicadores/paginas/recursos-humanos/indicadores-sobre-o-ensino-de-pos-graduacao/arquivos/tab_03_05_08_E_2009.pdf) Acesso em: 15 nov. 2023.

BRASIL. **Emenda Constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016**. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm) Acesso em: 15 nov. 2023.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Evolução do SNPG no decênio do PNPG 2011-2020**. Brasília, DF: Capes, 2021. Disponível em: [https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/07032022\\_EvolucaoDoSNPGnodeceni-odoPNPG20112020\\_ISBNWeb.pdf](https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/07032022_EvolucaoDoSNPGnodeceni-odoPNPG20112020_ISBNWeb.pdf). Acesso em: 15 nov. 2023.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Pós-graduação brasileira tem maioria feminina. *In*: BRASIL. **Capes**, [on-line], 11 fev. 2022. Disponível em: [https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/07032022\\_EvolucaoDoSNPGnodeceni-odoPNPG20112020\\_ISBNWeb.pdf](https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/07032022_EvolucaoDoSNPGnodeceni-odoPNPG20112020_ISBNWeb.pdf). Acesso em: 15 nov. 2023.

BRASIL. Decreto fim da emergência sanitária global de Covid-19. *In*: BRASIL. **Senado Federal**, [on-line], 8 maio 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2023/05/08/decretado-fim-da-emergencia-sanitaria-global-de-covid-19> Acesso em: 05 jul. 2024.

---

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Página inicial. In: BRASIL. CNPq, [on-line], 2024. Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/> Acesso em: 05 jul. 2024.

CARRANO, Paulo. Identidades Juvenis e Escola. In: **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. Brasília: UNESCO, 2005

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

COELHO, Wilma; BRITO, Nicelma; SILVA, Carlos. Sociabilidades adolescentes e grupos juvenis: relações raciais na escola. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 1, p. e11116-e11116, 2022.

COELHO, Wilma *et. al.* **Para além da sala de aula**: sociabilidades adolescentes, relações étnico-raciais e ação pedagógica. São Paulo: Livraria da Física, 2022.

COELHO, Wilma; OLIVEIRA JÚNIOR, Waldemar. Educação para as Relações Étnico-Raciais a Escola Básica: produções em teses, dissertações e artigos (2014-2018). **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 7, n. 15, p. 262-280, 2020.

COELHO, Wilma; SILVA, Carlos da. Grupos e Relações de sociabilidades entre adolescentes no Ensino Médio: Hierarquia e cor. **Revista Teoria e Prática na Educação**, Maringá, v. 20, n.1, p. 101-115, jan./abr. 2017.

COELHO, Wilma; SILVA, Carlos da. Grupos de adolescentes-juvenis no Ensino Médio: Sociabilidades, preconceito e discriminação. In: COELHO, Wilma; COELHO, Mauro (Org.). **Debates interdisciplinares sobre diversidade e educação**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2018. p. 255-290.

COELHO, Wilma; SILVA, Carlos da. Sociabilidade e discriminação entre grupos de adolescentes-juvenis no Ensino Médio. **Revista Unisinos**, São Leopoldo, v. 23, n. 2, p. 225-241, abr./jun. 2019.

COSTA, Maria Conceição da. Ainda somos poucas: Exclusão e invisibilidade na ciência. **Cadernos Pagu**, p. 455-459, jul./dez. 2006.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Org.). **Juventude e Ensino Médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ENS, Romilda Teodora; ROMANOWSKI, Joana Paulin. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n.19, p. 37-50, set./dez. 2006.

---

FERNANDES, Cleoni; MOROSINI, Marília. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul./dez. 2014

FERREIRA, Norma. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXIII, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

GOOGLE LLC. Suas notícias. In: GOOGLE LLC. **Google**, [on-line], 2024. Disponível em: <https://news.google.com/covid19> Acesso em: 20 out. 2024.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Formações nacionais de classe e raça. **Tempo Social**, v. 28, n. 2, p. 161-182, 2016.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, jun. 2014.

OLIVEIRA, José. **Juventude e ciberespaço**: implicações do uso da internet na constituição da sociabilidade juvenil. 2012. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2012.

MAIA, Rousiley CM. Sociabilidade: apenas um conceito. **GERAES–Revista de Comunicação Social**, n. 53, p. 4-15, 2001.

NAKASONE, Pedro; SANTOS, Juliana. O controle social do estado sobre a juventude negra brasileira. **Argumentum**, Vitória, v. 13, n. 3, p. 121-133, set./dez. 2021.

RIBEIRO, Daniella. A pandemia da COVID-19 e a pós-graduação stricto sensu no Brasil. **Argumentum**, Vitória, v. 14, n. 2, p. 72-91, maio/ago. 2023.

SANTOS, Francisco; CYPRIANO, Cristina. Redes sociais, redes de sociabilidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 29, n. 85, p. 63-78, jun. 2014.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 83-94, 2014.

WEB OF SCIENCE. **A pesquisa no Brasil**: Promovendo a excelência. São Paulo: Clarivate Analytics Company, 2019.

TRINDADE, Sara Dias; CORREIA, Joana; HENRIQUES, Susana. Ensino remoto emergencial na educação básica brasileira e portuguesa: a perspectiva dos docentes. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 13, n. 32, p. 2, 2020.

XIMENES, Salomão *et al.* Reafirmar a defesa do sistema de ciência, tecnologia e ensino superior público brasileiro. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 40, e0230375, 2019.